

LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE: A IMPORTÂNCIA DO USO DE ARTEFATOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Autor: Ravele Bueno Goularte

Co-autor: Alice Dezzoti Freitas

Co-autor: Daiane Pinheiro

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Eixo temático: Surdez/ Deficiência Auditiva

Comunicação Oral

Resumo

Este trabalho versa sobre um relato de experiência de estágio supervisionado em surdez do curso de graduação em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O estágio foi realizado em uma escola de surdos na turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo como tema gerador “Língua, cultura e identidade”. Essa escolha temática direcionou as práticas desse estágio, possibilitando a esses alunos um processo de aprendizagem articulado com seus artefatos culturais. As questões da cultura e da identidade surda estão diretamente relacionadas com o uso da língua de sinais pelos surdos. Esse trabalho tem como objetivo mostrar a importância do uso de artefatos culturais como subsídio para aprendizagem de alunos surdos. A Língua, Cultura e Identidade são características primordiais para a constituição do sujeito surdo. Primeiramente se diferencia por ser usuário de uma língua diferente da dos ouvintes, que é totalmente visual, sendo usuário desta define suas práticas sociais e a partir dessa língua estruturada o surdo poderá constituir sua identidade, juntamente com o contato de adultos surdos. E por ser usuário de uma língua diferente, o surdo tem costumes diferenciados e em função disto possui uma cultura diferente da dos ouvintes, devido a isso o surdo é diferente culturalmente e linguisticamente. Os resultados foram evidentes, o uso desse tema e do artefato visual foram essenciais para a aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: língua de sinais, artefatos culturais, cultura surda.

Introdução

Este trabalho tem o objetivo de mostrar a importância do uso de artefatos culturais no processo de ensino-aprendizagem na educação de surdos numa escola especial.

A educação de surdos está situada dentro do campo da educação especial, mas pensar como esse processo acontece é um pouco contraditório, pois o objetivo central da Educação Especial é a inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais no ensino regular. Primeiramente o sujeito surdo não tem necessidade educativa especial, apenas possui uma língua

diferente. Posterior a isso, sabe-se que esse processo de inclusão de um aluno que possui uma língua diferente não acontece da melhor maneira, pois a maioria ouvinte não sabe a língua de sinais. Enquadrar a educação dos surdos dentro da inclusão é um desafio, pois seria pensar o sujeito surdo como o sujeito da falta, da deficiência e não como ele é, diferente linguisticamente e culturalmente. É não entender a sua diferença e tentar normalizá-lo como até então tem sido feito em alguns espaços educacionais.

Esse processo tem sido evidenciado em muitas escolas regulares inclusivas, que atravessadas pelas relações de poder/saber, acabam impondo aos surdos uma maneira de se comunicar, sua forma de aprender.

Por isso a importância da escola de surdos, pois os alunos estão em contato direto com outros surdos, assim constituem a sua identidade, são inseridos na cultura e aprendem a língua natural, sendo este um espaço adequado para acontecer às trocas entre criança surda e adulto surdo na construção de uma identidade cultural.

Referencial Teórico

A cultura, a identidade e a língua de sinais são fatores primordiais na vida de um sujeito surdo. Através da língua, os sujeitos se constituem e produzem uma identidade cultural, e considerando que a língua de sinais é uma forma de comunicação que envolve a visão, esta tem grande importância na vida destes.

É por essa razão que este trabalho teve como tema gerador “Língua, Cultura e Identidade”, sendo estes os aspectos que diferenciam o sujeito surdo de um sujeito ouvinte, pelo seu contexto lingüístico e cultural.

As questões da cultura e da identidade surda estão diretamente relacionadas com o uso da língua de sinais pelos surdos. Portanto, o uso ou não da língua de sinais seria aquilo que definiria basicamente a identidade do sujeito, identidade que só seria adquirida em contato com outro surdo.

A língua de sinais é uma língua viso-espacial e por isso ela se configura num contexto totalmente visual. Por essa razão a experiência visual é

considerada um artefato cultural do sujeito surdo, levando em consideração que, artefato no campo dos estudos culturais pode incluir tudo que se vê e se sente quando está em contato com a cultura surda de uma comunidade, como a maneira pelo qual o sujeito se dirige ao outro.

Os surdos percebem o mundo através da visão, alguns elementos da cultura surda como, por exemplo, a campainha luminosa, o TDD e língua de sinais são aspectos que envolvem a visão, por isso a grande importância deste artefato.

Segundo Strobel apud Perlin e Miranda (2003, p. 218)

(...) a experiência visual significa a utilização da visão como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico [...]

A língua de sinais faz parte da comunidade surda, é um artefato cultural e tem grande significação social para o surdo, sendo a forma de comunicação deste. É a maneira como este sujeito interage com os demais e por isso a partir desta língua estruturada que o sujeito se constitui na sociedade. A língua de sinais é um artefato considerado evidência básica para pertencer a uma comunidade surda.

Na língua de sinais, o campo visual é essencial durante uma conversa. É necessário que haja contato visual para que ocorra comunicação. A expressão facial e corporal são elementos básicos para um diálogo, por exemplo, nas frases que são interrogativas, afirmativas, exclamativas e negativas percebe-se pela expressão facial e corporal.

É pela grande relevância que o campo visual exerce na vida dos sujeitos surdos que a nossa prática foi embasada na experiência visual, sendo que, as atividades propostas tiveram este mesmo foco, facilitando a aprendizagem e levando em consideração a importância deste artefato para o sujeito surdo.

Objetivos

Esse trabalho tem como principal objetivo mostrar a importância do uso de artefatos culturais na educação de surdos possibilitando aos alunos um processo de aprendizagem. Pois nossas práticas foram baseadas no tema gerador “Língua, Cultura, Identidade” e usamos a experiência visual como mediadora de nossas práticas, em diversos momentos nos apropriamos da experiência visual para que os alunos obtivessem uma melhor aprendizagem e que esta fosse significativa.

Objetiva também ressaltar a importância que a escola de surdos exerce para os alunos surdos, é nesse espaço que as trocas entre os surdos acontecem e é evidente a identificação dos alunos com os colegas e professores. Com isso, percebemos que a educação de surdos acontece melhor dentro deste contexto, pois todos são usuários de uma mesma língua e as trocas acontecem de maneira mais efetiva.

Metodologia

O presente estudo trata-se de uma análise de estágio realizado em uma escola de surdos na cidade de Santa Maria - RS , como requisito para aprovação na disciplina de estágio supervisionado/ Surdez, do curso de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria. Tomamos como referência teórica/prática a importância do uso de artefatos culturais como subsídio para a aprendizagem de alunos surdos. O estágio foi realizado na turma de Educação Jovens e Adultos (EJA) com 3 alunos surdos. Esse estudo parte de uma revisão bibliográfica , baseado em livros e artigos científicos para sustentar os argumentos utilizados nessa análise. O universo pesquisado foi de bibliografias atuais, com conteúdos que se referem a “Língua, cultura e identidade” no campo da educação de surdos articulando processos teóricos com as práticas de ensino aplicadas. A escolha do conteúdo a ser trabalhado na sala de aula se deu a partir da sugestão da professora regente da turma. Assim, propomos atividades para investigar o conhecimento dos alunos a

respeito dos números. Após as observações e realizações das atividades percebemos que os alunos apresentavam dificuldade na representação de número/quantidade. Com isso, partimos de um direcionamento específico a esse conteúdo, tendo como objetivo desenvolver a noção de quantidade e o reconhecimento dos números de zero a dez, através de atividades concretas.

A partir disto, foi construído com os alunos um “álbum” onde foi possível representar o número e a quantidade correspondente, utilizando material concreto. Este álbum norteou nossas atividades no decorrer de todo o estágio, sendo trabalhado dois números e suas respectivas quantidades por dia e para dar apoio a aprendizagem eram realizadas atividades de reforço no caderno. Utilizando a experiência visual como artefato cultural, também realizamos atividades no pátio em que foram utilizados dados, figuras e números. Durante estas atividades percebemos que a utilização do material concreto foi um instrumento facilitador para a aprendizagem dos alunos.

Desenvolvimento

Dentro do tema gerador deste trabalho, é importante ressaltar a importância da cultura para a construção da identidade, pois os surdos antes de terem contato com outros surdos não apresentam identidade definida, depois que esse contato acontece, os surdos passam a ter uma maior identificação com outros surdos, dessa forma se inicia o processo de construção da identidade.

Para o sujeito surdo a cultura tem um significado essencial e surge como uma questão de diferença no instante em que se percebe como usuário de uma língua diferente. E essa característica o torna diferente culturalmente e linguisticamente.

A cultura também assume centralidade na constituição da subjetividade e da identidade, pois essas marcas internas da diferença moldam as identidades surdas.

E essa constituição de sujeito está diretamente relacionada com a questão da identidade porque a constituição da subjetividade dá-se pelo

exercício da linguagem e esta institui significados, dando um lugar e um sentido.

É nesse sentido que ressaltamos mais uma vez a importância da escola de surdos, pois esta assume um local de formação da identidade, constituição de uma língua estruturada (língua de sinais) e o surdo neste espaço possui uma maior identificação com seus pares, pois são todos usuários da mesma língua e diferentes culturalmente.

A escola que realizamos estágio propõe inicialmente implementar a conscientização da comunidade escolar quanto à importância da cultura e da identidade surda bem como da língua de sinais, como primeira língua e da língua portuguesa escrita como segunda língua.

A partir desses desafios iniciais a escola proporcionou a participação efetiva dos surdos no processo educativo e construiu uma proposta metodológica de língua portuguesa escrita como segunda língua. Por isso a escola trabalha com uma proposta bilíngüe e parte do pressuposto que os surdos fazem parte de uma comunidade minoritária, com valores, cultura e língua natural próprias. O aspecto mais importante da proposta é de proporcionar à criança surda a possibilidade de adquirir linguagem através de sua língua natural, que é a língua de sinais. É nesse sentido que o Projeto Político Pedagógico da Escola Reinaldo Cóser (2010, p. 6) afirma que:

(...) a escola se propôs a implementar a conscientização da comunidade escolar quanto a importância da língua de sinais, da cultura e da identidade surda, do uso da língua de sinais como primeira língua da escola, do uso da língua portuguesa escrita como segunda língua da escola

E essa oportunidade de acesso a um ambiente lingüístico adequado é proporcionada pela escola, pois a maioria dos alunos são filhos de pais ouvintes e não têm acesso a língua de sinais.

Nesta direção, a língua de sinais não é apenas um recurso metodológico e nem simplesmente um meio comunicativo para viabilizar a compreensão de conceitos, é mais do que isso: é a aquisição como primeira língua da criança surda.

Desta forma, a escola conta com educadores surdos de língua de sinais atuando em todos os níveis e modalidades de ensino, sendo que na educação infantil e no 1º e 2º ciclo de formação, é dado maior ênfase na exposição à mesma, priorizando assim, o contato com a língua a partir de interações com educadores de LIBRAS, entre os alunos e vice-versa, pois a aquisição é de natureza sócio-interacional.

É esse contato criança surda x adultos surdos, que proporcionará o acesso à linguagem e desta forma assegurando a identidade e a cultura surda, que é transmitida naturalmente à esse aluno. Na escola será desenvolvido o bilingüismo para surdos, que justifica a proposta através de diferentes situações em que as duas línguas (língua portuguesa e língua de sinais) são usadas. O Projeto Político Pedagógico (2010, p. 12) evidencia isso, quando afirma que:

A proposta bilíngüe é idealizada a partir do pressuposto de que os surdos fazem parte de uma comunidade minoritária, com valores, cultura e língua natural próprios. O aspecto mais importante da proposta é o de proporcionar a criança surda a possibilidade de adquirir a linguagem, através de sua língua natural que é a língua natural.

A proposta da escola se diferencia da perspectiva de educação inclusiva, proposta pelo MEC, pois não concorda com esse novo sistema possa dar suporte para o desenvolvimento lingüístico, cultural e até cognitivo desses alunos.

O currículo deverá partir de abordagens sócio-antropológicas onde a comunidade de surdos e a língua de sinais têm papel fundamental na educação dos sujeitos surdos. Isso se justifica quando no Projeto Político Pedagógico (2010, p.4) afirma que

(...) no estado, atualmente se trabalha a educação especial a partir de uma abordagem sócio-antropológica, que vem ao encontro da proposta da escola que busca produzir práticas que estejam fundamentadas em um profundo respeito e afirmação das diferenças [...]

Em vista do que há no Projeto Político Pedagógico da Escola de Surdos notamos que conseguimos articular o nosso tema cultural com alguns conceitos que a escola considera fundamentais para a construção da subjetividade dos alunos surdos onde enfatiza as questões da língua, cultura e identidade, sendo este o tema gerador que permeou nossa prática durante o estágio. A escola evidencia que a criança tem direito de aprender naturalmente sua língua materna, oportuniza a criança a viver dentro da sua cultura, pois neste espaço há muito elementos da cultura surda e enfatiza o contato entre criança surda x adulto surdo ajudando na formação da identidade e constituição do sujeito.

Na escola de surdos as identidades começam a ser constituídas, porém as definições de identidade são inúmeras, e muitas vezes ambíguas. Perlin (2003, apud SKLIAR, 2005) traz alguns tipos de identidades surdas, a primeira delas é a identidade surda, que são os surdos que fazem uso da experiência visual, há grande necessidade nesses sujeitos do uso da comunicação visual, esse tipo de identidade surda pode criar um espaço cultural visual dentro de um espaço cultural diverso. É pensando a partir desse tipo de identidade que construímos nossos planejamentos embasados na experiência visual, pois os alunos são usuários de uma língua que é totalmente visual e acreditamos que a utilização desse artefato vem a contribuir com a aprendizagem dos alunos.

Outra definição que a autora traz são as identidades surdas híbridas, são os surdos que nasceram ouvintes e que com o tempo se tornaram surdos, é um uso de identidades diferentes em diferentes momentos. A terceira definição são as identidades surdas de transição, estão presentes nos surdos que foram mantidos sob o cativeiro da hegemônica experiência ouvinte e que passam para a comunidade surda, a maioria dos surdos filhos de pais ouvintes passam por esse momento de transição. A quarta definição apresentada é a identidade surda incompleta, são aqueles surdos que vivem sob uma ideologia ouvintista que tenta socializar os surdos de maneira compatível com a cultura dominante, esse caso preconiza uma identidade surda incompleta porque na maioria das vezes é evitada, ridicularizada. A quinta definição são as identidades surdas flutuantes, são os surdos que vivem e se manifestam a

partir da hegemonia dos ouvintes, esta identidade permite ver um surdo “consciente” ou não de ser surdo.

A construção da identidade e subjetividade se dá através da cultura surda. A constituição de uma sociedade se dá através de fenômenos culturais heterogêneos, isso significa que existem várias culturas imbricadas umas nas outras. Pensar que a cultura surda é tudo o que os surdos realizam na sua comunidade é um equívoco e é um conceito reducionista, a cultura dos surdos vai além desses aspectos, podendo ser pensada como uma reconstrução da posição social, como uma das formas de vida ou de luta e como experiência vivida de um grupo social. De acordo com Silva (2001, p.134)

A cultura é um canto de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nessa concepção, um campo contestado de significação [...]. A cultura é um campo onde se define não só a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser. A cultura é um jogo de poder.

Estamos vivendo um momento que a dominação dos ouvintes sobre os surdos se sobressai nos discursos da educação, porque a sociedade, constituída pela maioria ouvinte estabelece um relação de poder com os sujeitos que são minorias na sociedade – neste caso nos referimos aos surdos. A cultura surda não deve ser negada e sim negociada. As relações de poder são assimétricas, assim, ao serem negadas as oportunidades de convivência grupal e o conhecimento da cultura, esse poder exercido sobre as alteridades faz com que os surdos rejeitem sua identidade e neguem sua diferença. Nesse jogo das relações de poder em que cada cultura quer se sobrepor a outra, é necessário que haja negociações entre as culturas para que não haja perdas no processo de desenvolvimento e na construção das identidades dos sujeitos surdos.

E esse movimento permite novos olhares sobre a surdez e propicia um embate nas relações de saber e poder entre surdos e ouvintes, no campo lingüístico social e cultural. Nessa perspectiva, a língua de sinais passa a ser o foco da constituição do sujeito surdo. E ter a Língua de Sinais, a língua visual pertencente à outra cultura significa viver a experiência visual.

A experiência visual é de extrema relevância para o sujeito surdo, conforme Strobel (2008 p. 39), “os sujeitos surdos, com a ausência de audição e do som, percebem o mundo através de seus olhos [...]”. E isso ficou comprovado em nossa prática durante o estágio.

Conclusões

Ao fim do estágio podemos afirmar que conseguimos articular a teoria com a prática, pois sempre tivemos a preocupação em contemplar o tema cultural e o artefato da experiência visual nos planejamentos e nas atividades propostas.

A Língua, Cultura e Identidade são características primordiais para a constituição do sujeito surdo, são elementos básicos na vida do surdo. Primeiramente se diferencia por ser usuário de uma língua diferente da dos ouvintes, sendo usuário desta define suas práticas sociais e a partir dessa língua estruturada o surdo poderá constituir sua identidade, juntamente com o contato de adultos surdos, sendo que a identidade está em constante transformação.

E por ser usuário de uma língua diferente, o surdo tem costumes diferenciados e em função disto possui uma cultura diferente da dos ouvintes, devido a isso o surdo é diferente culturalmente e linguisticamente e esses três elementos estão diretamente interligados e relacionados.

Ao concluir o presente trabalho percebemos que apesar das dificuldades e dúvidas que surgiram no decorrer do estágio, alcançamos o nosso objetivo e acreditamos que os alunos obtiveram uma aprendizagem significativa em relação aos conteúdos trabalhados.

Durante o estágio percebemos que os alunos têm dificuldades e níveis de aprendizagens diferenciados e nesse sentido acreditamos num atendimento mais individualizado, para que nenhum seja prejudicado durante a aprendizagem.

Ao final deste estágio avaliamos que nossa prática foi essencial para a construção do processo de aprendizagem de alguns aspectos necessários para o cotidiano dos alunos.

Referências

ESCOLA DR. REINALDO FERNANDO COSER. **Projeto Político Pedagógico**, Santa Maria, 2010.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997 – Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (Org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Ed. Da UFSC, Florianópolis, 2008.

THOMA, Adriana; LOPES, Maura C. A **Invenção da Surdez**: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. EDUNISC: santa Cruz do Sul, 2004.

SÁ, Nídia Limeira de. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. Editora da Universidade Federal do Amazonas: Manaus, 2002.

SKLIAR, Carlos (Org.). **Educação e exclusão**. Abordagens sócioantropológicas em educação especial. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

_____. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005, 3ª ed.